O sino sob a terra

CAPÍTULO 1 • ABERTURA REESCRITA

01 Os ratos na trilha

Lucca encontrou o primeiro saco rasgado pouco depois do amanhecer. Estava caído junto ao pomar, fora dos limites seguros da cidade de Truna. A farinha se espalhava pela terra.

O caçador se agachou. Havia marcas de dentes no tecido e pegadas pequenas entre as raízes. Ele conhecia aqueles sinais: ratos tinham passado por ali durante a noite.

Nagore aguardava na estrada com uma cesta de ervas. A comerciante precisava voltar à sua loja de poções, mas os animais bloqueavam o caminho.

Nagore: Consegue liberar a trilha? Ainda tenho remédios para preparar.

Lucca: Fique perto dos marcos. Vou ver por onde eles estão vindo.

Lucca contornou uma árvore. Perto das raízes, três ratos disputavam os restos de outro saco. Um deles avançou quando o caçador se aproximou. Lucca recuou e manteve a lâmina entre o animal e suas pernas.

Então os três pararam.

As cabeças se voltaram para uma abertura no barranco. De dentro dela surgiram mais ratos, correndo uns sobre os outros. Os que estavam junto à farinha abandonaram a comida e fugiram na mesma direção.

Nagore: O que assustou todos eles?

Lucca olhou para a entrada escura da galeria.

Lucca: Ainda não sei. Mas veio lá de dentro.

02 O som que veio do chão

Antes que Lucca se aproximasse da galeria, o chão vibrou sob suas botas. Em seguida, uma batida grave atravessou o pomar. Parecia um sino enorme, tocando muito abaixo da terra.

Nagore segurou a cesta com as duas mãos. Lucca se afastou do barranco. Um pouco de terra caiu da entrada, mas nenhum deles viu o que havia provocado o som.

Na cidade, Void interrompeu o trabalho de afiar uma espada. A armeira pousou a lâmina na bancada e saiu até a porta da loja. Um escudo ainda balançava no suporte da parede.

Do alto da colina, Nabido apareceu diante do templo. O guardião olhou para o sino acima da entrada. A corda estava parada.

Void: Nabido! Esse toque veio do templo?

Nabido: Não. Ninguém tocou o sino.

Lucca acompanhou Nagore de volta à cidade. Os ratos permaneceram do lado de fora, espalhados entre o pomar e a vegetação. Quando o caçador chegou à loja de armas, Void já o esperava.

Lucca: Os ratos saíram das galerias antes da batida. Havia comida no chão, mas eles fugiram.

Void: Alguma entrada desabou?

Lucca: Vi terra caindo. Não cheguei perto o bastante para saber.

Void examinou a poeira nas botas dele. Depois retirou uma corda do suporte.

Void: Vou com você. Primeiro olhamos a entrada. Não vamos descer sem saber se existe caminho de volta.

03 Armas, corda e uma pergunta

Void colocou a corda sobre o balcão e conferiu as tiras de um escudo. Lucca esperou enquanto ela testava cada fivela. Naquela loja, uma peça danificada nunca era entregue sem reparo.

Lucca: É só uma inspeção.

Void: Foi o que eu ouvi. Ainda assim, leve o escudo.

Lucca passou o braço pela correia. Perto da porta, havia caixotes antigos, marcados pelo sal. Void chegara à ilha de barco, trazendo armas e ferramentas de uma terra distante. Sobre o tempo anterior à chegada, dizia muito pouco.

Lucca: Já encontrou animais fugindo assim?

Void parou de enrolar a corda.

Void: Já vi gente ignorar os sinais de uma caverna. Não recomendo.

Lucca esperou, mas a armeira guardou a corda e mudou de assunto.

Void: Se os ratos tiverem espaço para fugir, deixe que fujam. Se atacarem, proteja-se. Não precisa perseguir cada um pelo mato.

Lucca: Para alguém que vende espadas, você dá muitos motivos para guardar uma.

Void: Uma boa arma não escolhe seu dono. São suas escolhas que dão valor à lâmina.

Nagore entrou com duas poções e as colocou ao lado do escudo.

Nagore: Levem. E voltem antes de precisarem de uma terceira.

Lucca agradeceu. Void fechou a loja e acompanhou o caçador até a saída. Nabido permaneceu na cidade, atento ao caminho por onde os dois haviam partido.

04 O caminho do pomar

Ao voltar ao pomar, Lucca encontrou quatro ratos junto ao saco de farinha. A fuga tinha diminuído, mas os animais ainda estavam agitados. Dois avançaram assim que perceberam a aproximação.

Void: À esquerda, Lucca!

Lucca ergueu o escudo a tempo de bloquear o primeiro salto. Deu um passo para trás e atingiu o rato com a espada. O segundo contornou uma raiz e avançou contra Void. A armeira desviou e o derrubou com um golpe curto.

Os outros dois desapareceram entre as árvores. Lucca não os seguiu. Esperou para ter certeza de que a trilha estava livre e então se agachou perto das pegadas.

Lucca: Nunca vi tantos deixando a toca ao mesmo tempo.

Void: O que mostram os rastros?

Lucca: Quase todos vêm da galeria. Há marcas antigas nas duas direções, mas as novas apontam para fora.

Void acompanhou o caçador até a entrada. Uma rachadura recente atravessava o barranco. Pequenas pedras tinham caído sobre o primeiro trecho do caminho subterrâneo.

Void: O teto pode ceder. Vamos marcar a entrada e avisar os outros.

Enquanto Void amarrava a corda entre dois troncos, Lucca examinou uma pedra estreita junto à estrada. Havia um sulco entalhado na superfície, quase escondido pela terra.

Ele afastou as folhas com a ponta de um galho. O desenho parecia um elo de corrente.

Lucca: Void, esta marca já estava aqui?

A armeira se aproximou. Antes que respondesse, outra vibração percorreu o chão.

05 A voz na pedra

A segunda batida foi mais fraca. Mesmo assim, os dois sentiram a terra tremer. O sulco na pedra ganhou um brilho pálido, visível entre os restos de barro.

Void: Afaste-se da pedra.

Lucca recuou. Do entalhe veio uma voz rouca, masculina. O caçador olhou atrás do marco, mas não havia ninguém ali.

Voz na pedra: Mantenham o portão fechado.

Um estalo interrompeu a voz. Soou como uma tábua se partindo. A luz enfraqueceu e desapareceu.

Lucca permaneceu com o escudo levantado. Void observava o lugar onde o sulco tinha brilhado.

Lucca: Foi a pedra que falou?

Void: O som veio dela.

Lucca: Que portão? Não existe portão neste caminho.

Void: Pode ser um aviso antigo. Ou pode haver algo lá embaixo que ainda não encontramos.

Lucca se inclinou para olhar a marca outra vez. Void segurou seu braço antes que ele se aproximasse demais.

Void: Não vamos arrancar nem quebrar essa pedra. Nabido precisa ver a marca como está.

Lucca tirou da bolsa um pedaço de papel e copiou o desenho. Abaixo dele, anotou a frase que ouvira. Na margem, acrescentou a posição da galeria.

Lucca: Você reconheceu a voz?

Void demorou um instante para responder.

Void: Não. E não sei se alguém está falando agora ou se estamos ouvindo algo que ficou guardado.

Os dois voltaram à cidade. A corda ficou diante da entrada danificada, impedindo que alguém se aproximasse sem perceber o risco.

06 O registro do templo

Nabido recebeu Lucca e Void na entrada do templo. Nagore também estava ali. O guardião esperou o caçador terminar o relato e depois abriu o papel sobre uma mesa.

Nabido: Esta marca aparece em alguns registros antigos. Eles chamam o material de Pedra de Eco.

Lucca: Então existe alguém preso dentro dela?

Nabido: Os textos dizem que certas pedras guardavam vozes e avisos. Isso não significa que a pessoa ainda esteja ali.

Nabido procurou entre os registros do templo. Voltou com uma folha desgastada e a colocou junto ao desenho de Lucca.

No alto da folha havia a mesma marca de corrente. Mais abaixo, uma anotação descrevia uma batida sentida no chão. A assinatura no fim do texto tinha sido raspada.

Nagore: Alguém ouviu esse som antes?

Nabido: É o que está escrito. Mas este trecho não explica a causa.

Void: E o portão?

Nabido: Não é citado aqui. Há um escrito mais completo nas ruínas. Um Pergaminho Antigo que ainda não conseguimos recuperar.

Lucca: Ele fala dessas pedras?

Nabido: Pode ajudar a entender os sinais. Preciso lê-lo para saber.

Nagore passou os olhos pelo desenho e pelo relato da fuga dos ratos.

Nagore: Então não basta liberar a trilha. Se o problema continuar nas galerias, eles vão sair de novo.

Lucca assentiu. A caçada tinha resolvido o perigo imediato. Agora havia uma entrada danificada, uma voz sem origem conhecida e um aviso que ninguém sabia interpretar.

07 A primeira busca

Antes do meio-dia, Lucca voltou à saída da cidade. A trilha estava livre, e os sacos que ainda podiam ser aproveitados foram recolhidos. A corda diante da galeria continuava no lugar.

O caçador preparou um aviso para quem procurasse trabalho. A missão Ratos nas trilhas continuaria disponível: era preciso manter os caminhos seguros para a passagem de alimentos e remédios.

No templo, Nabido separou um espaço para examinar o Pergaminho Antigo quando ele fosse recuperado. A busca nas ruínas passara a ter uma razão urgente.

Void retornou à loja e conferiu as tochas. Nagore organizou poções para os que partissem. Cada um tinha uma tarefa, mas os quatro aguardavam o mesmo sinal: outra batida sob a terra.

Mais tarde, Lucca levou o escudo de volta à armeira. Uma das bordas estava marcada pelos dentes do rato.

Void: Ele fez o que precisava fazer.

Lucca: Amanhã vou conferir a trilha outra vez. Se os rastros mudarem, quero saber antes que alguém entre naquela galeria.

Void: Passe aqui antes de sair.

Quando Lucca foi embora, Void limpou a terra presa ao escudo. Parou ao ouvir uma carroça cruzar a rua, esperou o ruído passar e continuou trabalhando.

Na parede, a corda que sobrara da inspeção ainda estava desenrolada. Void a recolheu com cuidado e a deixou ao lado de duas tochas.

Do lado de fora, Truna seguia trabalhando. Sob o pomar, a galeria permanecia escura. Ainda não se sabia onde ficava o portão, quem havia dado a ordem ou por que o aviso voltara a ser ouvido naquela manhã.

FIM DA ABERTURA